

humanitas



Vol. LXIII
2011

políticas que rodeavam Platão; mas a análise do mestre ateniense, ainda assim, pretende entre outras coisas mostrar que tanto democratas como oligarcas têm concepções erradas da natureza humana e da justiça. Este artigo é estruturado, bem articulado do ponto de vista conceptual e defende uma tese concreta, produzindo argumentos hermenêuticos nesse sentido.

Plato and the City é na sua totalidade orgânica uma obra relevante mais constituída de convites à reflexão do que propriamente de investigações aprofundadas, complexas e especializadas de um ponto de vista técnico. *Plato and the City* é uma obra que reúne propostas particulares, apelos à ponderação breve e plural, mas vertical e suficientemente técnica e específica para se poder dizer que é um pequeno volume especializado que não abusa excessivamente do recurso ao trabalho bibliográfico secundário; é um esforço digno de ponderação para a reflexão contemporânea internacional sobre temas políticos antigos, óptimo para quem na língua inglesa deseja um trabalho leve mas informado, competente e que gosta de recapitular de forma actualizada os temas que nesta obra se abordam. É um conjunto de propostas sugestivas materializadas por especialistas que têm nitidamente sensibilidades diferentes; são estímulos interessantes, sendo alguns textos aliás expressão de ideias originais e que têm assim um real potencial de crescimento para serem mais profundamente desenvolvidos por quem se interessar por um tema tão controverso como a teoria política platónica e tudo o que em torno dela gravita.

DAVID G. SANTOS (Universidade da Beira Interior,
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa)

DICIONÁRIO HISTÓRICO DAS ORDENS E INSTITUIÇÕES AFINS EM PORTUGAL (direcção de José Eduardo Franco, José Augusto Mourão e Ana Cristina da Costa Gomes), Lisboa, Gradiva, 2010.

A obra que se apresenta, publicada sob o alto patrocínio da Presidência da República, teve uma longa gestação, pelo menos de 2005 a 2010. O que não admira, dada a volumosa informação que veicula: por 1019 páginas passam 368 instituições, agregadas em 7 secções (uma das quais subdividida em 5 subsecções). Destas, a grande maioria (231) são cristãs católicas, o que não admira, num país nascido no mais profundo seio da catolicidade. E ainda que os coordenadores quisessem, de algum modo, alcançar um

compromisso entre a ideia de ordem, tradicionalmente conotada com um ideal religioso cristão, e associações que, com ela, apenas têm a designação em comum, a realidade impunha-se e a obra haveria de a reflectir, dando o maior espaço às instituições cristãs católicas (705 p.).

Apesar de, neste campo, a obra lidar de perto ou ter mesmo alguma sobreposição com outras, vindas à luz em passado recente (*Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. de Carlos A. Moreira Azevedo, 4 vols., [Lisboa], Círculo de Leitores/Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000-2001, e *Ordens Religiosas em Portugal: Das origens a Trento – Guia Histórico*. Dir. de Bernardo Vasconcelos e Sousa, Maria Filomena Andrade e Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva Santos, Lisboa, Livros Horizonte, 2005), vai além delas, valendo por si, na informação exhaustiva e sistemática que procura oferecer acerca das mais de duas centenas dessas instituições do catolicismo, e pela introdução de referências específicas a “movimentos” e “experiências” da actualidade, menos “institucionalizadas”, por comparação com a antiga forma de vida consagrada.

Ao mesmo tempo, não deixamos de notar que a presente obra oferece ainda uma outra interessante e importante visão do tema, quando nos apresenta as instituições cristãs católicas divididas por géneros, deixando concluir como, também no campo da religiosidade e da assistência sob a égide da Igreja Católica, a mulher leva bem a palma ao homem.

Além das centenas de páginas ocupadas com informação sobre instituições cristãs católicas, como referimos, a pretendida amplitude da obra leva-nos a outras muitas páginas acerca da presença, em Portugal, de comunidades cristãs protestantes e evangélicas (1), hindus e budistas (2); ao mundo dos seguidores de correntes esotéricas (11); à forte presença de associações que apresentam, entre si, traços que as levam a poder ser consideradas como secretas, tendo como referência máxima a maçonaria (79); às agremiações que, por qualquer forma se reivindicaram (ou reivindicam) de uma herança templária e de algum sentido ou contexto mítico (13). Por último, dois outros tipos são considerados, o que agrega as ordens honoríficas e civis (19) e o que comporta as ordens profissionais (14). A obra termina com um índice geral.

Metodologicamente, é uniforme o tratamento da matéria em todas as secções e subsecções: introdução, dicionarização, glossário técnico, siglário e índices (remissivo antroponímico e dos nomes das instituições).

Não obstante alguma redundância no que às instituições cristãs católicas diz respeito (por referência a anteriores publicações de alguma

similitude), como já foi notado, percorrendo a obra em questão não há dúvida de que se encontram, nela, um enorme conjunto de informações e de pistas de investigação que a tornam um instrumento de trabalho a ter em conta.

A própria organização da obra, no que às instituições cristãs católicas diz respeito, deixa até perceber a evolução histórica da vida consagrada, desde as ordens religiosas, clássicas, às congregações, aos institutos seculares, às múltiplas instituições actuais, congregadoras de homens e mulheres, de diferentes estados de vida, condições e estatutos, unidos pelo sentido de renovação pela solidariedade e pela preocupação ecuménica, sinal dos tempos modernos. Digamos que, neste aspecto, a obra permite acompanhar a longuíssima caminhada da experiência humana, da “fuga ao mundo” até ao “regresso ao mundo” e à vivência dos seus problemas num quadro de uma fé empenhada, linha fundamental da renovação conciliar proposta pelo concílio Vaticano II.

Do mesmo modo, muito se ganha na sua leitura, sobre os assuntos versados nas restantes secções da obra; diremos mesmo que, por esse prisma, ela tanto poderá ajudar à divulgação de certas realidades presentes, porventura menos conhecidas, bem como de outras, históricas, bem menos conhecidas.

Contudo, no final, acabamos por encontrar alguma dificuldade em aceitar, na mesma obra, como num mesmo sentido, instituições tão diversas, e até díspares, como o são, em nossa opinião, todo o longo rol de ordens religiosas de vida consagrada e as instituições suas sucedâneas, e, no extremo, instituições esotéricas, míticas e, sobretudo, honoríficas e profissionais. Enquanto umas propendem ao aperfeiçoamento do espírito ou o consomem no serviço desinteressado ao “outro” e outras procuram um sentido do mundo e da vida perseguindo a busca da Verdade, noutras rapidamente se percebe como perderam o seu sentido inicial, resvalando para o mais humano e material.

Aliás, se já a proposta contida no título da obra levanta algumas questões – *ordens e instituições afins* (prova de alguma objecção de enquadramento) –, a leitura da “Introdução Geral” deixa perceber alguma dificuldade que os seus coordenadores tiveram na sistematização dos seus pressupostos teóricos e nas opções que entenderam fazer. Aceites estes, ficava ainda algum embaraço na tentativa de conciliar a presença de ideias e realidades muito distintas, que se torna bem patente na existência de uma subsecção intitulada de “Outras instituições”, dentro do enorme grupo das instituições cristãs católicas. Bem como se nota o esforço de alguns autores

para justificarem a presença dos seus temas, sinal dessa ambiguidade sentida e da dificuldade de integração na obra. No final, em bom rigor, nunca ficou resolvido o problema da *ordem*, nem da *afinidade* das instituições consideradas, que não ordens ou só o são nominalmente.

Pela nossa parte, mais notamos o desequilíbrio na informação bibliográfica (desde a completa ausência (p. 751), ao excesso (parece-nos) de oito colunas (p.571-574) numa só entrada), a quase completa mudez de instrumentos informativos de carácter geográfico (sempre úteis, mas sobretudo quando se trata de instituições de assinalável presença no território) e a fraca qualidade de muitas imagens.

Na questão da organização, salientando o interesse dos índices remissivos antroponímicos, incluídos no final de cada secção, perguntamos se não seriam mais operativos se se apresentassem no final da obra, devidamente assinalados. Tal como estão, o bom partido da sua utilização pressupõe um já razoável conhecimento da obra, o que retarda a sua operacionalidade.

De todo o modo, realça-se a pertinência da publicação. Tornar-se-á, estamos certa, instrumento de trabalho de referência.

MARIA ALEGRIA F. MARQUES

EZQUERRA, Antonio Alvar, *De Catulo a Ausonio. Lecturas y lecciones de poesía latina*. Madrid, Ediciones Liceus, 2009, 348 pp., ISBN: 978-84-9822-861-8.

Tal como é afirmado pelo autor na nota introdutória, este volume “recolhe um conjunto de estudos sobre poesia latina antiga ao largo da sua vida académica”. O âmbito dos escritores tratados vai de Catulo, Cornélio Galo, Virgílio, Horácio, Ovídio, Lucano e Marcial a poetas tardoantigos, como Ausónio. O acervo é completado com imagens, índices de passos citados e de autores modernos.

Trata-se de um conjunto relevante de artigos onde o rigor de análise, o espírito crítico e a informação segura, com carácter interdisciplinar, se combinam com uma sensibilidade estética notável e um estilo expositivo bastante pessoal e eficaz.

Sendo todos os capítulos de elevada qualidade, seja-me todavia permitido realçar, por uma questão somente de gosto pessoal, o cap. 1 (pp.15-